

CÉU DE BRIGADEIRO

Roberta Montello Amaral¹

Depois da tempestade, normalmente vem um período de calmaria. Nos últimos tempos fomos submetidos a discussões inflamadas, perdemos amizades pelo facebook, saímos de grupos de whatsapp e vimos crianças brigarem “pela honra” de seu candidato preferido. Hoje essa tempestade passou. Agora que o novo presidente do Brasil já está definido, o mercado se mostra mais calmo, pois sabe dos rumos que a economia deve tomar nos próximos quatro anos.

Esse clima de instabilidade naturalmente se reflete em alguns indicadores macroeconômicos. O principal termômetro desta chacoalhada é a cotação das taxas de câmbio, principalmente o dólar, moeda para a qual os investidores “correm” quando existe uma instabilidade no ar. Olhar o comportamento desta moeda é como ter uma aula de economia na prática: como a oferta é fixa no mundo (o governo americano ainda não é capaz de plantar árvores que possam produzir dinheiro), aumenta a procura pelo dinheiro do tio Sam (maior demanda), o que faz aumentar seu preço; caso contrário, quando diminui a busca pelas verdinhas, cai a cotação da mesma.

Não é novidade que nos últimos meses vimos o dólar alcançar valores extremamente elevados. Fico me perguntando se este comportamento é reflexo de algum fenômeno. Por isso, vale à pena observar a cotação histórica da taxa de câmbio do dólar desde 2002:



O que a gente percebe é que, de fato, vimos um sobe e desce importante. Mas será que algum fato explica esta oscilação? Relacionar os picos históricos pode nos ajudar a entender o que relatei no primeiro parágrafo desta coluna e a explicar o que está por vir. O primeiro movimento de subida importante está destacado pela seta preta do gráfico. O que se pode observar é que o valor de R\$ 4,00 por cada dólar aconteceu no final de

¹ Roberta Montello Amaral é economista, doutora em engenharia de produção e professora dos cursos de Administração e Ciências Contábeis do UNIFESO. E-mail: ramaral@unifeso.edu.br.

outubro de 2002, às vésperas da eleição do 1º mandato de Lula como presidente. À época, esperava-se uma mudança muito radical na condução da política econômica do país, gerando um clima de instabilidade e incerteza. Quando Lula, de fato, foi declarado eleito, divulgou a sua equipe econômica que, na prática, contrariando as expectativas, representava uma conduta bem parecida com aquela adotada no governo FHC. Isso acalmou o mercado e, conseqüentemente, fez o câmbio voltar a níveis mais baixos, conferindo mais força ao Real.

Outro pico importante (seta cinza) aconteceu em setembro de 2015, quando a movimentação em torno do impeachment de Dilma Rousseff ganhou força. Após a destituição de poder houve uma queda na cotação da moeda americana, mas os patamares de 2005 a 2014 jamais foram retomados em função do clima de instabilidade econômica instalado, devido aos crescentes deficits governamentais e deterioração da capacidade de resolver a crise econômica brasileira.

Em 2018, mais uma vez, o câmbio voltou a apresentar crescimento (seta branca). Por quê? Porque, inicialmente, o recentemente eleito Jair Bolsonaro ainda figurava nas pesquisas com um grande percentual de rejeição, indicando que a política econômica ainda continuaria na mesma linha dos governos anteriores: com elevados gastos e pouco avanço no sentido de resolver os problemas fiscais já bastante conhecidos. Hoje, 3 dias após a eleição do candidato do PSL, com um indicativo de conduta claramente liberal, o dólar voltou a cair. Esse movimento nada mais é do que uma antecipação do que o mercado espera para a condução de uma política fiscal e monetária mais responsável, largamente alardeada pelo Sr. Paulo Guedes, nome escolhido para gerenciar a economia do próximo governo.

E o que podemos esperar para os próximos meses? Caso as expectativas realmente se verifiquem, será tempo de voltar a fazer as malas sem medo dos gastos com seu cartão de crédito no exterior, porque, depois da tempestade, finalmente será tempo de calma, pelo menos para este indicador!
